

DESAFIOS DA PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA EM LITERATURA APOCALÍPTICA

Oseas Prates Pereira⁴⁹

Valtair Miranda⁵⁰

David Bladsoe⁵¹

RESUMO: O termo “apocalipse” é frequentemente utilizado para transmitir uma ideia de tragédia, caos e desespero. Essa concepção equivocada representa um desafio para a pregação contemporânea em literatura apocalíptica. Assim, esta pesquisa buscou investigar por que a literatura apocalíptica tem pouca presença nas pregações bíblicas cristãs, e se a nova homilética, com seu método indutivo, pode contribuir para que pregadores passem a utilizar mais esse tipo literário em seus sermões, de maneira mais correta e alinhada ao seu verdadeiro significado. Para isso, foram utilizadas as metodologias hermenêutica, dedutiva e indutiva, com o objetivo de compreender o real sentido da literatura apocalíptica, e fornecer uma base sólida para o método indutivo de sermão bíblico. Constatou-se que a literatura apocalíptica precisa ser entendida a partir dos conceitos de escatologia apocalíptica, apocalipse e apocalypticismo, e que o sermão indutivo, com sua ênfase nas evidências, experiências e ilustrações, pode ser um método eficaz para se pregar a literatura apocalíptica aos ouvintes contemporâneos.

Palavras-chave: Literatura apocalíptica; Nova homilética; Método dedutivo; Método indutivo.

ABSTRACT: The term “apocalypse” is frequently used to convey an idea of tragedy, chaos, and despair. This misconception presents a challenge for contemporary preaching in apocalyptic literature. Thus, this research sought

⁴⁹ Bacharel em Ciências da Computação pela Universidade Gama Filho, RJ; Bacharel em Teologia pelo Seminário Betel Brasileiro; Bacharel em Teologia (convalidação) pela FATIN; Pós-graduado em Pregação e Exegese Bíblica pela FABAT; Pós-graduado em História Antiga e Medieval pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ; Mestre em Teologia pela FABAPAR; Graduando em História.

⁵⁰ Doutor em História (UFRJ); Doutor em Ciências da Religião (UMESP); Mestre em Ciências da Religião (UMESP); Mestre em Teologia (FABAT); Graduado e Licenciado em História (UNIVERSO); graduado em Teologia (FABAT). Professor na UENF/FABAT.

⁵¹ Doutorado pela University of South Africa (2010, revalidado pela PUC Rio; Pesquisador e professor em Teologia na Faculdade Batista do Rio de Janeiro e no curso de Teologia EAD na Faculdade Batista Pioneira. Professor ajunto em dois seminários teológicos dos EUA: Southwestern Baptist Theological Seminary e Southeastern Baptist Theological Seminary.

to investigate why apocalyptic literature has little presence in Christian biblical sermons and whether the new homiletics, with its inductive method, can contribute to preachers using this literary genre more in their sermons, in a way that is more accurate and aligned with its true meaning. To achieve this, hermeneutic, deductive, and inductive methodologies were used, aiming to understand the true sense of apocalyptic literature and provide a solid foundation for the inductive method of biblical sermon. It was found that apocalyptic literature needs to be understood from the concepts of apocalyptic eschatology, apocalypse, and apocalypticism, and that the inductive sermon, with its emphasis on evidence, experience, and illustrations, can be an effective method for preaching apocalyptic literature to contemporary audiences.

Keywords: Apocalyptic literature. New homiletics. Deductive method. Inductive method.

INTRODUÇÃO

Analisando as referências contemporâneas que mencionam o termo “apocalipse”, observa-se que frequentemente há uma alusão à destruição, tragédia e caos (Mesters; Orofino, 2013, p. 27). A mídia desempenhado um papel significativo na popularização da ideia do apocalipse como catástrofe (Lima, 2012, p. 12), o que o termo de seu real significado, ou seja, revelação.⁵² Essa distorção semântica tem profundas implicações hermenêuticas⁵³ no seio das igrejas cristãs, sobretudo porque chegam aos ouvintes através de uma homilética⁵⁴ distorcida outrora por essa hermenêutica centralizada em um apocalipse caótico.

Esta pesquisa propõe-se a investigar o verdadeiro sentido da literatura apocalíptica, com o objetivo de capacitar os pregadores a transmitirem a mensagem correta da apocalíptica bíblica. Para isto, este artigo pretende examinar as novas abordagens homiléticas em comparação com a abordagem tradicional de sermão bíblico.

Considerando que o método dedutivo tem sido amplamente utilizado pelos pregadores cristãos e que, frequentemente, não incorpora os elementos de

⁵² Ladd argumenta que apocalipse é um termo grego, *apocalypsis*, que tem diversos significados, sendo o mais simples, “descobrir algo que está encoberto (Lc 12.2); mas [que] no Novo Testamento a palavra geralmente tem uma conotação religiosa distinta, no sentido especial de revelação sobrenatural de verdades divinas desconhecidas aos homens e impossíveis de serem descobertas por eles” (LADD, 1980, p. 17).

⁵³ Segundo Osborne (2009, p. 25), “a palavra ‘hermenêutica’ deriva do vocábulo grego que significa ‘interpretar’. Além disso, o leitor deve estar ciente que as novas abordagens hermenêuticas têm seu foco no significado contemporâneo do texto, em vez de se concentrar na intenção original pretendida pelo autor.

⁵⁴ Além de ser a arte de pregar sermões bíblicos, a homilética é “a ciência que se ocupa com o estudo da comunicação da Palavra de Deus” (MORAES, 2005, p. 18).

comunicação cotidiana de seus ouvintes (Souza, 2007, p. 9), este trabalho busca contrastar o método dedutivo junto ao modelo indutivo da nova homilética. O objetivo é avaliar se o sermão indutivo pode ser mais eficaz na transmissão da literatura apocalíptica para os ouvintes modernos, visto que este modelo se destaca por incorporar os mais recentes estudos sobre comunicação contemporânea, tornando-se potencialmente mais relevante e impactante para o público atual.

Diante dos desafios da pregação contemporânea em literatura apocalíptica, o tema proposto surge de uma problemática que consiste em investigar por que a literatura apocalíptica recebe pouca ênfase na pregação atual, e se o uso do método indutivo de pregação bíblica pode contribuir para tornar a mensagem apocalíptica mais acessível para os ouvintes contemporâneos.

Assim, tem-se como objetivo geral investigar por que a literatura apocalíptica é pouco utilizada na pregação contemporânea, e se o método indutivo de pregação bíblica pode tornar a mensagem apocalíptica mais compreensível para os ouvintes da atualidade.

Com a hipótese de que nenhuma homilética pode ser eficaz sem uma hermenêutica adequada, considera-se que a investigação hermenêutica sobre o conceito de literatura apocalíptica é imprescindível para que o pregador tenha um embasamento sólido ao elaborar seu sermão indutivo.

Em relação aos fundamentos metodológicos utilizados, será usada a metodologia hermenêutica, visto ser a interpretação um produto direto dela; a tomada inicial para a compreensão textual, verificando-a e questionando-a enquanto possibilidades que podem se mostrar incoerentes (Duarte; Farias; Oliveira, 2017, n.p.). Outras duas metodologias ainda serão empregadas: a indutiva, “devido a sua aproximação com a prática discursiva, ou seja, a forma de analisar textos, discursos, sentenças” (Domingues, 2019, n.p.), e a dedutiva, por sua capacidade observacional.

Este artigo organizará seus objetivos em capítulos específicos, conforme descrito a seguir: o Capítulo 2 investigará a literatura apocalíptica desde seu surgimento até conceitos mais amplos, destacando ao final o núcleo de sua mensagem; o Capítulo 3 discutirá as novas homiléticas, comparando as vantagens e desvantagens entre os métodos dedutivos e indutivos; o Capítulo 4 relacionará os conceitos da literatura apocalíptica visto no Capítulo 2 com o método indutivo apresentado no Capítulo 3; e, por fim, o Capítulo 5 trará uma análise dos resultados obtidos nos capítulos anteriores.

1. A LITERATURA APOCALÍPTICA

O conceito em torno do termo “apocalipse” como fim trágico, guerras e calamidades assustadoras acabou sendo transportado para tudo que se deriva dele. É o caso do conceito de “literatura apocalíptica”, por exemplo.

Esse fenômeno foi sendo construído a partir do século passado por ocasião de uma explosão de filmes, novelas e livros em séries sobre o tema.⁵⁵ Assim, a literatura apocalíptica e o apocalipse são entendidos popularmente de igual forma, isto é, tramas permeadas de terror extremo, derramamento de sangue, catástrofe generalizada e colapso total da humanidade mediante devastação, guerras nucleares e armas biológicas (Soares, 2008, p. 101).

O que ajudou a propagar um apocalipse popular visto como tragédia e caos foi a popularização romancista a partir de uma corrente teológica chamada dispensacionalismo,⁵⁶ difundida inicialmente através de uma Bíblia comentada chamada “Bíblia de Referência de Scofield”.⁵⁷ Com essa popularidade, a partir do ano de 1995, os escritores Tim LaHaye e Jerry Jenkins lançaram uma série de livros intitulados “Deixados para trás”. Lima (2012, p. 31) revela que esta referida obra chegou a vender 35 milhões de exemplares num período de sete anos.

Diante desse imaginário popular sobre o apocalipse, tem-se como desafio inicial do preletor, fornecer um correto entendimento da literatura apocalíptica. Todavia, como fora dito inicialmente que o conceito de um apocalipse tem sido transferido para o conceito de literatura apocalíptica, faz-se necessário definir os termos separadamente para um melhor entendimento.

Para se compreender o que é a literatura apocalíptica, é essencial entender os conceitos de *apocalipse*, *escatologia apocalíptica* e *apocalipticismo*. Esses três conceitos são defendidos por Valdez (2002, p. 55) como necessários para

⁵⁵ De acordo com Eberle e Trench (2014, não paginado), centenas de livros assustadores sobre o fim do mundo foram escritos no século passado a partir de concepções ditas “apocalípticas”.

⁵⁶ A definição teológica do dispensacionalismo é por demais complexa e extensa, de modo que seria necessário um livro inteiro para seu correto entendimento. De toda forma, para um entendimento inicial do dispensacionalismo, ver mais sobre em: FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 1107-1111.

⁵⁷ A Bíblia de Referência de Scofield foi uma idealização de Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921). Seguidor da doutrina de John Nelson Darby (1800-1882), denominado de “pai do dispensacionalismo” por Cox (1963, p. 13), Scofield teve a ideia de tomar uma edição da Bíblia Versão King James, e adicionar trechos comentados da linha de interpretação dispensacionalista. Com essa iniciativa, o ensino dispensacionalista passou a estar em cada casa cristã que continha uma versão da Bíblia de Referência de Scofield (SANTOS, 2018, não paginado), pois até então, não se há registro de que haveria uma versão da Bíblia em que houvesse comentários.

o tema que envolve a literatura apocalíptica. De igual forma também os cita Gomes (2020, p. 56), entre outros.

Basicamente, sobre os três termos, pode-se dizer que *apocalipse* é o gênero literário em si; enquanto a *escatologia apocalíptica* é uma temática contínua da profecia agora cessada (Valdez, 2002, p. 58), todavia, mantendo-se o aspecto vindouro como expectativa final e julgada; e, finalmente, o *apocalipticismo* sendo um movimento social.⁵⁸

Concluída essa tríplice definição de termos, passa-se agora a eliminar aquilo que um apocalipse não é. E nisto, Miranda (2011, p. 29) revela aos seus leitores que até o século XVIII, os intérpretes do Apocalipse de João o viam como um gênero literário de teor profético, mas que novas discussões foram levantadas no século seguinte afastando-o de ser este tipo de obra.

Collins o categoriza da seguinte forma, “a revelação de outro mundo e a atividade de seres sobrenaturais são essenciais a todos os apocalipses. Em todos, também há um julgamento final e a destruição dos ímpios. [...] todos os apocalipses têm um aspecto de exortações e repreensões” (Collins, 2010, p. 24).

Esta definição é extremamente relevante, pois coloca um apocalipse com valor prático para sua era e não apenas para a era vindoura. Isto é, ele serve como texto religioso que traz exortações e repreensões para seus ouvintes e leitores destinatários da época.⁵⁹ Seu teor não se concentra em uma série de apresentações catastróficas do fim do mundo, quer dizer algo em seu tempo também.

Portanto, faz todo sentido o que diz Miranda quando se propõe a descrever a funcionalidade de um apocalipse: “[...] o Apocalipse teria o potencial de reproduzir na sua audiência a experiência do visionário, e, com isso, ela veria o mesmo que João viu” (Miranda, 2011, p. 31). Ora, se a audiência é impactada pelas visões narradas por João, seu intuito era provocar o mesmo em seus destinatários de origem.

Desta maneira, já se pode argumentar que o preletor contemporâneo deve considerar o texto produzido em sua época de redação; seu propósito aos

⁵⁸ Esta pesquisa não se propõe a dissecar cada um dos referidos termos, pois não haveria espaço suficiente para tal. De todo modo, o leitor pode ver mais sobre em: VALDEZ, Ana. A literatura apocalíptica enquanto gênero literário (300 a.C. - 200 d.C.). *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*. Lisboa, 2002. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4677/3174>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

⁵⁹ Aqui, quer se dizer por “leitores e ouvintes” com base no texto bíblico do Apocalipse de João, capítulo 1, versículo 3: “Bem-aventurados os que **leem** e aqueles que **ouvem** as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (BÍBLIA SHEDD, 1997, p. 1759, **grifo nosso**).

ouvintes e leitores de primeira recepção. Mas, se um apocalipse quer apenas retratar o fim do mundo, que reprodução de experiência poderia provocar nos destinatários originais? Que impacto algo distante poderia implicar neles?

Ainda assim, a definição de Collins traz algumas complexidades, pois ele mesmo alerta para a presença de certos elementos em obras não apocalípticas, como o relato de um mundo sobrenatural e julgamento vindouro presentes no Rolo da Guerra de Qumrã (Collins, 2010, p. 28). Todavia, esses detalhes parecem ser mais uma exceção do que uma regra geral.

1.1 SURGIMENTO DO GÊNERO LITERÁRIO: CAUSA

O ponto em que nasceu uma literatura apocalíptica revela muito sobre seu gênero literário. Compreender as causas desse surgimento auxilia o intérprete, e consequentemente o pregador, a utilizar esses textos bíblicos adequadamente. Valdez alega que é um tipo literário que nasceu em momentos de crises, à qual se levantou a necessidade de responder a uma situação insustentável (Valdez, 2002, p. 55). Nesta resposta, a literatura apocalíptica não apresenta terror, tragédia ou caos aos seus destinatários. Pelo contrário, seu aparecimento na história visa ao “conforto, projetando sempre, como recompensa, uma promessa messiânica” (Aguiar, 2008, p. 323).

Pode-se dizer que há um consenso neste surgimento. Isto é, sempre que o povo de Deus estava sendo oprimido, perseguido e esmagado, a literatura apocalíptica nascia como mensagem de esperança ao povo de Deus.⁶⁰ Os julgamentos encontrados no gênero, portanto, não são para os justos, mas para aqueles que os esmagam impiedosamente.

Essa mensagem de esperança, porém, é colocada dentro de um:

Gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural (Collins, 2010, p. 22).

Por definição, a literatura apocalíptica como gênero literário tem sido usualmente interpretada dessa forma; é uma mensagem de esperança dentro de um *corpus literário* muito bem definido e peculiar.

⁶⁰ Consenso nem sempre é uma totalidade, mas sua maioria. Isso porque Wilson (2006, p. 355) propõe o surgimento da literatura apocalíptica como mensagem criada em decorrência do fim das profecias. Isso elimina, pelo menos em seu início, o gênero apocalipse como mensagem não esperada, isto é, revelada a um mensageiro por iniciativa do próprio Deus.

1.2 LITERATURA APOCALÍPTICA COMO MENSAGEM DE ESPERANÇA

O preletor deve estar atento. A escatologia apocalíptica pode ser encontrada dentro de outros gêneros literários bíblicos. É comum dentro da canonicidade bíblica haver elementos da literatura apocalíptica dentro de outros gêneros. Isso aumenta as possibilidades de extrair a literatura apocalíptica fora do livro do Apocalipse de João.⁶¹

Visto que a escatologia apocalíptica integra a literatura apocalíptica a fim de dar-lhe significado, pode-se então concluir que essa escatologia, portanto, traz esperança. Lopes chega a dizer que ela “tem como princípio oferecer consolo e esperança aos cristãos de todas as épocas” (Lopes, 2011, p. 50, *grifo nosso*).

Ora, não seria exatamente isso que o apóstolo Paulo declara dentro de sua primeira carta aos tessalonicenses, capítulo 4, versículos de 16 a 18?

Porquanto o Senhor mesmo, da a sua palavra de ordem, ouvida a voz de arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre as nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. *Consolai-vos*, pois, uns aos outros com essas palavras (Bíblia Shedd, 1997, p. 1681, *grifo nosso*).

Pelas razões já apresentadas, a temática apocalíptica levou tudo para adiante, para frente, não deixando nada para hoje, o presente. Esse olhar para o “tempo do fim” se transformou em uma busca interminável pelo futuro, com teorias e conceitos escatológicos complexos, datas e quebra-cabeças cronológicos, não sobrando nenhuma mensagem de consolo para hoje, como o apóstolo Paulo entregou aos tessalonicenses em seus dias.

Foi por essa conotação exclusivamente concluyente que Moltmann trouxe a escatologia para o debate cotidiano. “O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, e tendência para frente, e, por isso mesmo, renovação e transformação do presente” (Moltmann, 2005, p. 30).

⁶¹ Pela definição apresentada da literatura apocalíptica, a escatologia apocalíptica, o apocalipticismo e o apocalipse devem ser pensados como elementos que compõe essa literatura, todavia, cada tema desse isoladamente pode ser encontrado fora do gênero literário apocalíptico. Por essa razão, é possível encontrar fora do Apocalipse de João, por exemplo, uma escatologia apocalíptica dentro de um evangelho, uma parábola ou uma epístola.

O impacto das declarações de Moltmann produziu o efeito de se pensar a literatura apocalíptica como mensagem para estes dias, e não mais um olhar somente para os últimos dias. Silva (2014, p. 66) diz que o apocalíptico, portanto, começa no futuro, e então volta para operar no presente.

As promessas não cessaram. Nelas se encontram a mensagem de um futuro oculto. Contudo, na esperança se tem a força de tomar o vindouro e despertar uma ação no presente. “É nessa contradição que a esperança deve mostrar sua força. Por isso mesmo, a escatologia não deve pairar na distância, mas formular suas afirmações de esperança, contradizendo o presente experimentado, presente de sofrimento, mal e morte” (Moltmann, 2005, p. 32-34).

De posse dessas informações, o preletor tem agora uma base inicial para entender como ele deve se aproximar do gênero literário. Isso, porém, como defendido nesta pesquisa, não é o suficiente, o preletor precisa tomar conhecimento de como transmitir essa mensagem através de uma nova homilética.

2. A NOVA HOMILÉTICA

Discussão levantada ao final da década de 1960, a chamada *nova homilética* foi assim denominada a partir de um questionamento quanto à

eficácia dos tradicionais métodos discursivo-dedutivo-explanatórios de prédica, centralizados na pessoa de quem prega, em responder as acusações de que o púlpito cristão havia se tornado extremamente irrelevante. De carona com a pesquisa bíblica e hermenêutica da época sobre a importância das narrativas na vida das pessoas, aquele grupo de homilistas, liderados por Fred B. Craddock e Eugene L. Lowry, buscou resgatar para dentro da pregação cristã teorias indutivas e narrativas, constituindo o que passou a se chamar de “Nova Homilética” (Souza, 2007, p. 5).

Até então, tanto o conteúdo quanto aquele que produz o sermão ganhavam maior importância na prática homilética.⁶² A atenção agora se voltava para quem *ouve* o sermão. Antes, os sermões presentes nos púlpitos cristãos eram dedutivos, agora, propunha-se um método indutivo de transmitir a Palavra de Deus aos ouvintes.

O aspecto cognitivo é colocado por Wilson como ponto determinante para a mudança que ocorreu em se produzir sermões bíblicos. A tradição homilética se

⁶² Tomando o dicionário Aurélio como apoio a uma definição clara do termo “homilética”, Moraes o apresenta como “a arte de pregar sermões religiosos [...]”. Vocábulo [grego que quer dizer] homilia, [isto é], conversação; [que] com o passar do tempo, adquiriu a significação de *discurso religioso* [...] a adaptação da retórica às finalidades especiais e aos reclamos da prédica cristã” (Moraes, 2005, p. 18, *grifo do autor*).

concentrava em proposições, o que requer informações, argumentos e intelecto. Esse estilo de sermão bíblico se assemelhava mais a uma palestra conceitual do que a uma mensagem acessível, especialmente porque nem todo texto tem uma estrutura de três pontos (Wilson, 2020, p. 27).

Lewis também entende que os sermões tradicionais, chamados de dedutivos, são lógicos, exortativos, proposicionais e sem preocupação com a experiência (Lewis, 2003, p. 7-9). Ele acredita que a imprensa, inventada por Gutenberg, há mais de 500 anos, “alterou a base da comunicação humana, e, assim, afetou a forma do pensamento popular entre os homens” (Lewis, 2003, p. 7). Desde então, essa influência resultou em sermões que seguem uma lógica predominantemente intelectual.

Mas o que são esses sermões, chamados dedutivos e defendidos por esses autores, que colocam ênfase na instrução e na transferência de informações para a mente (Chapell, 2017, p. 7-9)? A seguir, será apresentada essa explicação, seguida pela exploração do método a ser defendido nesta pesquisa: o método indutivo.

2.1 O MÉTODO DEDUTIVO

Como já descrito acima, o método dedutivo se concentra na figura do pregador. Mas, o que isso quer dizer? Souza (2007, p. 7) o explica como sendo o modelo em que o pregador vai ao texto bíblico em busca da sua ideia central; uma vez encontrada essa ideia, ele o transmite aos ouvintes a partir de uma série de pontos que provam essa tese. Sendo assim, como a ideia central foi buscada e encontrada pelo pregador, sua tarefa passa a se concentrar em convencer seus ouvintes dessa ideia, o que “tira” a chance dos ouvintes de chegarem a uma conclusão do texto por si mesmos.

A explicação de Wilson sobre o método dedutivo concorda com as palavras de Souza. Ele o apresenta como um grupo de sermões às quais “apresentam inicialmente uma única ideia, proposição ou doutrina, e então demonstram ou argumentam a favor dessa ideia” (Wilson, 2020, p. 23).

Popularmente, três tipos de sermões têm sido os mais usados para se transmitir uma mensagem dentro do modelo dedutivo: sermão temático; sermão textual e sermão expositivo.

O sermão temático “é aquele cujas divisões principais derivam do tema, independentemente do texto” (Braga, 2005, p. 13). Como se vê, por si só a definição do sermão temático já o propõe dentro de uma estrutura que contenham divisões sobre o tema. São essas divisões que o pregador se utiliza para

comprovar seu tema escolhido. Todo o desenvolvimento do sermão depende do tema, porque dele se origina.

Seu uso se dá muitas vezes quando se quer pregar um tema bíblico específico contido ao longo das Escrituras.⁶³ Escolhido o tema, o pregador seleciona algumas passagens, mais ou menos distante uma das outras, mas que dão apoio àquele tema. Um outro uso do sermão temático se dá quando se quer ensinar doutrinas ou passar mensagens éticas (Key, 2001, p. 39).

Uma crítica que se faz aos sermões dedutivos é que a maioria deles entrega a ideia central ou a conclusão (onde se quer chegar) logo em sua introdução, ou até mesmo em sua proposição (Lewis, 2003, p. 41);⁶⁴ e que é exatamente isso que tira do ouvinte a possibilidade de chegar junto com o pregador à conclusão (Souza, 2007, p. 6). Contudo, ainda que em um sermão dedutivo se destaque que “o objetivo da proposição não é revelar o plano do sermão, mas apresentar, em termos simples, a ideia principal em forma de verdade eterna” (Braga, 2005, p. 123), isso não quer dizer que um sermão dedutivo entregue a conclusão já em sua abertura. Na verdade, isso está mais para a habilidade do pregador com o método do que o método em si.⁶⁵

Um outro modelo dedutivo é o sermão textual, definido por Braga (2005, p. 34) como “aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de um breve trecho da Bíblia. Cada uma dessas divisões é usada como linha de sugestão, e o texto fornece o tema do sermão”.

Uma diferença básica já se observa em relação ao modelo anterior; enquanto no temático se inicia pelo tema, no textual se inicia pelo texto, com suas divisões sendo extraídas do próprio texto que deu origem ao tema.

Key (2001, p. 39) diz que no passado (sem definir quando), embora as divisões de um sermão textual sejam provenientes do texto, o desenvolvimento de cada ponto⁶⁶ pode ser buscado em outros textos.⁶⁷

⁶³ O termo “Escritura”, “Escrituras”, “Escrituras Sagradas”, “Bíblia” ou “Bíblia Sagrada” será usado neste trabalho de forma intercambiável.

⁶⁴ Segundo Braga (2005, p. 111), “a proposição, também chamada *tese*, *grande ideia*, *ideia homilética* ou *tópico frasal*, é, pois, um princípio: uma regra que governa a conduta correta, um fato básico ou uma generalização aceita como verdade. Consiste em uma afirmativa clara da verdade fundamental, eterna e de aplicação universal”.

⁶⁵ De fato, a proposição é crucial em um método dedutivo, entretanto, a depender das intenções do pregador, a proposição pode estar em seu esboço, e não necessariamente em sua mensagem. É o pregador quem deve ter a habilidade suficiente para entender se sua mensagem depende crucialmente do anúncio da proposição logo em seu início.

⁶⁶ É comum dentro do vocabulário homilético se referir às divisões de um sermão com outras palavras como “pontos de um sermão” ou “tópicos de um sermão”.

⁶⁷ Esta pesquisa defende que, seja qual for o sermão ou o método utilizado, todo pregador é livre para

Por fim, dentro dos sermões dedutivos mais utilizados, tem-se o sermão expositivo, sendo este, inclusive, o mais encorajado. Lopes o incentiva como ferramenta de crescimento saudável para a igreja, e como aplicável até mesmo dentro do estilo temático ou textual, pois, segundo o mesmo (2010, p. 18) “a pregação pode ter caráter expositivo desde que tenha o compromisso de explicar o texto da Escritura, segundo o seu significado histórico, contextual e interpretativo, transmitindo aos ouvintes contemporâneos a clara mensagem da Palavra de Deus com aplicação pertinente”.

Braga o define da seguinte maneira:

Sermão expositivo é aquele em que uma passagem mais ou menos extensa da Escritura é interpretada em função de um tema ou assunto. A maior parte do material desse tipo de sermão provém diretamente da passagem, e o esboço contém uma série de ideias progressivas que giram em torno de uma ideia principal (Braga, 2005, p. 53).

Pelos principais modelos dedutivos apresentados, fica evidente que o sermão expositivo, de fato, coloca o pregador mais submisso ao texto bíblico, e com isso, o aumento da possibilidade de uma mensagem inteiramente bíblica. Contudo, se por um lado o sermão expositivo concede esse benefício à igreja, por outro, ele é o estilo homilético dedutivo mais mal usado pelos pregadores. Isso porque, o pregador que domine apenas a técnica, vai ter neste o modelo onde mais ele corre o risco de ao invés de comunicar uma mensagem clara, comunicar uma aula teológica; erudita, exegética, informativa e distante dos irmãos mais simples de uma congregação cristã.

Discorrendo sobre a importância de uma comunicação clara aos ouvintes, Moraes (2008, não paginado) diz que “interpretar bem um texto bíblico é importante; no púlpito, entretanto, é tarefa incompleta. O sermão só alcança seu objetivo quando o pregador não só interpretou bem o texto, mas ‘leu corretamente’ o seu auditório”.

2.2 O MÉTODO INDUTIVO

Como mencionado brevemente anteriormente, Lewis argumenta que os sermões dedutivos são mais voltados para o intelecto do que para a experiência. Contudo, a presente era trouxe, com seu avanço tecnológico, atrações

buscar dentro das Escrituras outros textos que apoiem seu argumento, discurso ou ilustração. O texto bíblico nunca é demais. Aliás, ao mostrar um texto bíblico, o pregador mostra aos ouvintes de onde vem suas ideias, seus argumentos, sua autoridade. Como bem disse Peterson (2008, p. 64), “você precisa da Bíblia inteira para ler qualquer parte da Bíblia”. Isto quer dizer que um outro texto reforça um texto já citado. É o texto bíblico que tem autoridade.

teletransmitidas ao cérebro humano que o estimulam mais para a ação e a criatividade do que para o raciocínio lógico. A forma de comunicação mudou; o conhecimento tornou-se visual, imaginativo e inventivo; mais sentimental do que factual, mais relacional do que racional (Lewis, 2003, p. 8-9).

Assim, o método indutivo propõe uma mudança na comunicação porque a comunicação como homem mudou. Seu modelo concentra-se mais na forma do que no conteúdo (Souza, 2007, p. 8); expondo “a evidência, os exemplos, as ilustrações e [postergando] as declarações e asserções, até que os ouvintes tenham a chance de avaliar a evidência, pensar nas implicações e, depois, chegar às conclusões com o pregador ao final do sermão” (Lewis, 2003, p. 60).

Por isso, no método indutivo “o sermão não deve ser a respeito de um texto, mas deve partir de um texto [...], não [sendo então] uma exposição do texto, mas uma realização do texto” (Wilson, 2020, p. 29).

Chapell faz uma comparação entre o sermão dedutivo e o indutivo, dizendo que, enquanto o dedutivo traz os ouvintes pela porta da frente, anunciando a verdade do texto bíblico “logo de cara”, o indutivo traz esses mesmos ouvintes pela porta lateral, “deixando que descubram a verdade junto com o pregador através de experiência mútua com a verdade bíblica” (Chapell, 2017, p. 90). Quando não assim, o sermão indutivo, conclui Chapell, traz os ouvintes pela porta de trás, levando-os então a descobrir a verdade apenas no final, trazendo surpresa e impacto.

Ora, se o pregador for atento à elaboração de um sermão dedutivo, verá que sua proposta se dá de forma contrária. No dedutivo, começa-se com algo já estabelecido como verdade e declarado pelo pregador, e assim ele prossegue apresentando diversas provas de sua declaração inicial. Isto é, a ideia é logo apresentada, e a tarefa do pregador é provar essa ideia até a conclusão.

Wilson dá um exemplo bem simples do funcionamento de um “sermão orientado por doutrina”, do método dedutivo:⁶⁸ “Em que consiste a glória da pregação do evangelho? [...] 1) é determinada pelo Filho de Deus, 2) torna conhecida a vontade de Deus, 3) promete a graça de Deus, 4) é realizada no poder de Deus, 5) é acompanhada pela benção de Deus e 6) conduz as almas à presença de Deus” (Wilson, 2020, p. 25-26).

Visto que o método dedutivo é aquele em que os pregadores mais estão acostumados, a melhor maneira de entender o indutivo é por comparação ao dedutivo.⁶⁹

⁶⁸ Além de “sermões orientados por doutrina”, Wilson também define algumas outras nomenclaturas para os sermões dedutivos, como, por exemplo, “pontos orientados pelo texto” (Wilson, 2020, p. 24).

⁶⁹ Os três próximos parágrafos apresentarão as comparações entre o dedutivo e o indutivo. Essas comparações foram tiradas das obras SOUZA, Mauro Batista. A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 10, 2007. Disponível

No dedutivo o ponto de partida é a verdade proposicional, no indutivo é o ouvinte; no dedutivo o objetivo é persuadir, convencer, provar, no indutivo é tanto mostrar as evidências quanto o processo a fim de que o ouvinte chegue às conclusões junto com o pregador.

O conteúdo de um sermão dedutivo são verdades, doutrinas e instruções a serem seguidas, no indutivo são estórias, narrativas, tramas e situações concretas; no dedutivo a linguagem segue os princípios da escrita, com pouca ou nenhuma redundância, no indutivo é oral, poética e redundante; no dedutivo a forma é proposicional, lógica, explicatória e discursiva, no indutivo é narrativa, sugestiva, dialogal, indireta e com uso de suspense.

A figura do pregador no dedutivo é a de uma autoridade, pois ele é especialista do texto e fala por Deus, já no indutivo o pregador é uma testemunha do texto, contando o que viu, o que ouviu e o que viveu com seu encontro com o texto; no dedutivo o ouvinte é passivo, recebendo a conclusão do pregador, no indutivo o ouvinte participa das decisões e conclusões pois ouve de maneira ativa.

Após apresentar essas diferenças entre os dois métodos, é de bom grado também fazer algumas defesas quando ao método indutivo, pois ele é criticado em certa medida de modo que não condiz com aquilo que toda a literatura sobre o tema apresenta.

Augusto (2020), por exemplo, faz uma relação entre a nova hermenêutica e a nova homilética, e então conclui que, sendo a nova homilética uma consequência da nova hermenêutica, a nova homilética então trouxe ruídos que infectaram o púlpito cristão, pois é tanto um modelo de “subjetivismo hard” quanto um modelo que propõe a morte de Deus.⁷⁰

É verdade que a nova homilética está intrínseca com a chamada nova hermenêutica.⁷¹ Contudo, como qualquer teologia nascente, ela não é estática em seu nascedouro, por isso mesmo, ganha outros contornos e linhas de entendimento a cada novo estudo. Dentre essas contribuições literárias, tanto Lewis quanto Wilson, autores já descritos acima, propõem um método indutivo, que é fruto da nova homilética que preserva a autoridade do texto bíblico.

em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/458/418>. Acesso em: 28 abr. 2024, e LEWIS, Ralph L; LEWIS, Gregg. **Pregação indutiva**: como pregar de modo que as pessoas ouçam. Trad. Glauber Meyer Pinto Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

⁷⁰ Dentro dos estudos hermenêuticos, falar da morte de Deus está relacionado com o nascimento do leitor, ou seja, é ele, o leitor, quem dá significado ao texto, e não o autor (VANHOZER, 2005, p. 318).

⁷¹ Para saber mais sobre as chamadas “novas hermenêuticas”, ver mais sobre em: VANHOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto? Interpretação bíblica**: os enfoques contemporâneos. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2005.

O grande causador dessa tensão é a afirmativa dos primeiros precursores da nova homilética. Eles defendiam a conclusão de um sermão como iniciativa do ouvinte, não do pregador (Souza, 2007, p. 10). Isto é, após a exposição do sermão, cada ouvinte chegaria à sua própria conclusão, pois isso não é tarefa do pregador, mas do ouvinte. Essa, de fato, é uma ideia bem semelhante proposta pelas novas tendências hermenêuticas, em que propõe a morte do autor, como aquele que dá significado ao texto, e passa a colocar no leitor aquele quem pode suscitar um significado ao texto.

Todavia, vale ressaltar, como defendem Lewis, Wilson e Chapell, que o método indutivo não sugere uma “morte de Deus”.

No próximo capítulo o método indutivo será exemplificado tomando-se a literatura apocalíptica como texto base, a fim de assim, ratificar a declaração acima de forma mais prática.

3. TRANSMITINDO A LITERATURA APOCALÍPTICA INDUTIVAMENTE

Quando a literatura apocalíptica é vista apenas como um texto-enigma para eventos catastróficos, a igreja tem perda significativa com seu real propósito: o de reconstrução da esperança e retorno da consciência cristã de quem a igreja é para Deus (Richard, 1996, p. 18).

Ora, se o apocalipse “nasce em tempos de perseguição; mas sobretudo, em situações de caos, de exclusão e de opressão constante” (Richard, 1996, p. 18), por que nestes momentos a igreja teme aquilo que a oprime, e então se coaduna muitas vezes com vozes discordantes das Escrituras a fim de se ver aceita pela cultura da sociedade atual?

Como bem observou Pannenberg, desde o Iluminismo a teologia tem sido empurrada para ser uma voz privada, ou mesmo nula e inexistente, sendo assim, banida da esfera pública (Miller, 2011, 148-149).⁷² Todavia, é exatamente nesse contexto que a igreja deve se agarrar na literatura apocalíptica como palavra de perseverança, fidelidade e temor unicamente a Deus (Apocalipse 2.2,10).

Ao tomar o Apocalipse de João como uma das obras de literatura apocalíptica das Escrituras, a igreja deve ver como João viu (Miranda, 2011, p. 31). Um fato curioso na obra apocalíptica joanina é que este é o livro neotestamentário que mais contém citações ou alusões ao Antigo Testamento (AT). E por que isso? Porque quando este livro bíblico traz essas “visões recheadas com frases

⁷² O autor da carta aos Hebreus, capítulo 10, versículo 39 já dissera: “Nós, porém, não somos dos que retrocedem [...]” (SHEDD, 1997, p. 1719).

e lembranças do Antigo Testamento [...] o povo recupera a memória perdida e descobre a boa Nova dentro dos acontecimentos: ‘Deus continua agindo! O mesmo Deus de antigamente’” (Mesters, 1983, p. 24). É nesse momento que a igreja é invadida pela esperança daquele que a tem em suas mãos: Jesus Cristo (Apocalipse 1.20).

Então, de que maneira essa mensagem de esperança pode ser pregada indutivamente? Inicialmente, é importante pontuar que não é propósito desta pesquisa exemplificar ou descrever algum sermão indutivo aqui que vá desde seu início até o seu fim. Portanto, será priorizado o que um sermão indutivo deve conter e como estruturá-lo, sem necessariamente apresentar o sermão completo por escrito.⁷³

Visto que um sermão indutivo tem sua força na amostra das evidências (exemplos do cotidiano, ilustrações, parábolas, anedotas), é muito importante que o pregador tenha uma base homilética.⁷⁴ Aliás, um pregador indutivo é tanto um expositor da palavra quanto da vida da sua comunidade. Se o sermão indutivo começa onde as pessoas estão (Lewis, 2003, p. 175), essa etapa, portanto, é indispensável.

Saber as necessidades das pessoas hoje, portanto, é ponto inegociável em um sermão indutivo. Mas nem por isso essa metodologia deve deixar de expor as Escrituras. Pelo contrário, por isso mesmo deve ser bíblico. Como disse Chapell (2007, p. 90), “sermões narrativos e indutivos permanecem expositivos enquanto as verdades desenvolvidas no sermão sejam tiradas do texto bíblico, desenvolvidas a partir dele, e cubram o escopo do texto”. Já Lewis sugere ao pregador o seguinte questionamento: “qual é a verdade que Deus tem aqui nesta passagem para ajudar meus ouvintes com seu problema, necessidade ou dúvida” (Lewis, 2003, p. 186).

Então, para ajudar o pregador indutivo e também sua audiência, ele deve começar seu sermão como todo sermão indutivo deve começar; com uma pergunta-chave intrigante (Lewis, 2003, p. 192). É esta pergunta que mantém os ouvintes atentos até a conclusão, como também os situa para onde o pregador está lhes levando.

⁷³ Para esta finalidade, ver mais sobre em: LEWIS, Ralph L; LEWIS, Gregg. **Pregação indutiva**: como pregar de modo que as pessoas ouçam. Trad. Glauber Meyer Pinto Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 241-283. E também CHAPPELL, Bryan. **O sermão cristocêntrico**. Trad. Paulo César Nunes dos Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 94-113.

⁷⁴ Canteiro homilético é um espaço reservado pelo pregador, seja em um caderno ou em um arquivo de texto, em que ele coloca ali tudo o que pode ser útil para seus sermões. Desde matérias jornalísticas a experiências de outras pessoas, trechos de livros, filmes, seriados etc. Esse material pode servir como evidência em seu sermão indutivo.

Já também de início, é importante ter uma imagem que ganhe a atenção dos ouvintes. Uma imagem comum às pessoas que traga luz ao texto. Como bem destacou Wilson (2020) “uma imagem pode ser mais eficaz do que um discurso inteiro”.

Imagine, pois, que o pregador tenha recebido um convite para falar em um Congresso de Adoração. Ele então escolhe o texto de Apocalipse 5.1-10. O texto por si só já traz imagens claras do que está acontecendo, uma característica do livro bíblico do Apocalipse. Mas, como a mensagem gira em torno da adoração, o pregador pode enfatizar a imagem dos quatro seres viventes e dos vinte e quatro anciãos que tem em uma das mãos uma harpa, e na outra uma taça de ouro cheia de incenso que são as orações dos santos (Apocalipse 5.8).

A pergunta-chave poderia ser: “o que faz um ministério de louvor ser relevante para sua igreja?”. Ora, essa pergunta é intrigante, porque todo ministério de louvor quer ser relevante em sua igreja; todo ser humano busca resposta, um retorno agradável daquilo que ele faz. A tarefa então do pregador é levar seus ouvintes a buscar essa resposta, que ele já a tem, mas que só revelará na conclusão.

Com a imagem que o próprio texto traz dos seres celestiais com a harpa em uma das mãos e uma taça de ouro cheia de incenso na outra, o pregador pode despertar a memória dos seus ouvintes para outras imagens. A primeira imagem é a do levita segundo a antiga aliança (Números 18.2-6; 1Crônicas 15.2,16), em que o levita é aquele que etimologicamente está conectado a alguém (Gênesis 29.34); na antiga aliança mosaica, ligado ao sacerdote Arão (Vaux, 2004, p. 396).

Ou seja, no AT, o levita está ligado ao Templo. Essa é a imagem apresentada; alguém que serve ao sagrado e aos elementos do culto. O Novo Testamento, porém, traz uma imagem para o levita a partir do poder do evangelho de Jesus Cristo; agora, o levita serve ao povo, aos necessitados, a toda pessoa (Atos 4.36-37).

De forma resumida, a imagem dos seres angelicais com o instrumento e a oração dos santos em suas mãos, pode ser iluminada para essas duas imagens que a Bíblia traz sobre um levita; a imagem do levita segundo a antiga aliança e a imagem do levita segundo a nova aliança. Antes, ele só servia ao Templo, agora, ele serve tanto a Deus quanto à sua comunidade de fé.

Com uma pergunta e uma imagem, o pregador já tem alguns elementos que o faça buscar agora uma aplicação dedutiva. Porque sim, um sermão indutivo

pode migrar para um sermão dedutivo durante sua exposição (Lewis, 2003, p.145-169, 186).⁷⁵

Deste modo, o pregador indutivo parte de um interesse comum;⁷⁶ propõe uma pergunta; apresenta ilustrações; expõe uma solução-resposta parcial; mostra exemplos, tanto bíblico quanto do cotidiano; avança gradualmente com mais uma ilustração; apresenta outra resposta parcial; e conclui dedutivamente com a resposta certa.⁷⁷

Por fim, o pregador deve se lembrar de que a Bíblia é quase toda ela narrativa. O próprio Senhor Jesus tinha uma abordagem muito mais indutiva do que dedutiva diante de seus ouvintes.⁷⁸ Enquanto o método tradicional ensina que um sermão deve conter a tríade “ler-explicar-aplicar”, Olyott (2019, p. 10-11) defende que Jesus pregava dentro de uma outra tríade, “explicar-ilustrar-aplicar”.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Esta pesquisa utilizou dissertações, artigos científicos, livros físicos e digitais de autores renomados nos temas apresentados. As obras pesquisadas visaram definir o que é literatura apocalíptica e um sermão indutivo.

A análise da literatura apocalíptica fornece ao pregador uma base hermenêutica bíblica, mas é necessário transmitir essa mensagem de forma clara e atualizada, para que os ouvintes possam entender um assunto complexo e pouco explorado nos púlpitos cristãos. Para isso, o pregador pode utilizar o sermão indutivo.

Um capítulo dedicado à “literatura apocalíptica” descobriu que os conceitos de apocalipse, escatologia apocalíptica e apocalipticismo são fundamentais para a compreensão correta do que é literatura apocalíptica. O conhecimento da origem do gênero apocalíptico também é importante para o pregador, pois é a partir dele que se extrai uma mensagem de esperança para os ouvintes.

Outro capítulo tratou da “nova homilética” e concluiu que a melhor forma

⁷⁵ A própria combinação que Lewis faz entre um sermão indutivo e um sermão dedutivo derruba a tese de que a nova homilética é em si mesma um método destrutivo ao púlpito. De acordo com Lewis (2003, p. 155) “o pregador do evangelho tem a verdade em tão alta estima que deve declarar a mensagem de Deus dedutivamente depois de expô-la indutivamente, [pois] a indução conduz naturalmente à dedução”.

⁷⁶ Em um sermão indutivo, a pergunta ou o problema pode ser iniciado com uma história, até porque, segundo Wilson (2020, p. 95), “pessoas são atraídas por histórias assim porque querem saber o que acontecerá”.

⁷⁷ Esta é apenas uma entre tantas formas que pode se expor um sermão indutivo.

⁷⁸ Lewis defende isso a todo instante em seu livro aqui está sendo apresentado: “Pregação indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam”.

de entender o modelo indutivo de sermão bíblico é através da comparação com o modelo dedutivo, típico das homiléticas tradicionais.

Assim, um capítulo foi dedicado à interação entre a literatura apocalíptica e a nova homilética. Este capítulo foi denominado: “transmitindo a literatura apocalíptica indutivamente”, que destacou a mensagem de conforto e perseverança proporcionada pela literatura apocalíptica, propondo um “caso de uso”⁷⁹ tomado de um texto bíblico do livro do Apocalipse de João. Dado que a literatura apocalíptica é um gênero literário vasto nas Escrituras Sagradas, os autores discutidos definem um conjunto de características que ajudam o pregador a identificar esses elementos. Muitos desses elementos são descritos em imagens, como Jesus Cristo andando entre sete candelabros (Apocalipse 1:13). A presença significativa de imagens e narrativas contribui ainda mais para a entrega de um sermão indutivo, que se baseia em imagens, ilustrações e experiências.

Por fim, a pesquisa propôs descobrir se as ferramentas hermenêuticas seriam um primeiro apoio para entender o que é literatura apocalíptica, visto que, atualmente, o conceito popular de apocalipse é frequentemente confundido com uma “escatologia de catástrofe” (Pannenberg, 2009, p. 704). Apenas com o conceito correto de literatura apocalíptica o pregador pode se basear em uma homilética sólida para a exposição de sua mensagem bíblica. Chega-se, portanto, à conclusão com esta pesquisa que o modelo indutivo de pregação bíblica se mostrou válido, eficaz e contemporâneo para a entrega de sermões bíblicos sobre a literatura apocalíptica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo explorou os desafios da pregação moderna em literatura apocalíptica, com foco no modelo indutivo de sermão bíblico. Através da metodologia hermenêutica, verificou-se que a literatura apocalíptica não surgiu com o intuito de apresentar uma mensagem de caos, catástrofes e desespero, mas pelo contrário, uma mensagem de encorajamento.

Os materiais pesquisados mostraram que a literatura apocalíptica visa dar esperança e perseverança a um povo que sofre, e que o modelo indutivo de pregação bíblica, com sua ênfase na experiência humana, na amostra de evi-

⁷⁹ O termo “caso de uso” é uma linguagem utilizada no universo computacional, que significa mostrar o sistema do ponto de vista do usuário. Um caso de uso é uma entre tantas exemplificações do funcionamento de um sistema conforme o usuário espera que aconteça, ou seja, uma parte qualquer do sistema que deve funcionar conforme foi requisitado por esse usuário. Ver mais sobre em: “DEVMEDIA. O que é UML e Diagramas de Caso de Uso: introdução prática à UML, 2021. Disponível em: <<https://www.devmedia.com.br/o-que-e-uml-e-diagramas-de-caso-de-uso-introducao-pratica-a-uml/23408>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

dências e ilustrações da vida pode ser uma valiosa alternativa para a exposição dessa mensagem. Chegou-se a esses resultados através de uma comparação com o modelo tradicional de sermão bíblico, o modelo dedutivo, que visa mais a parte lógica, doutrinária e intelectual.

As principais descobertas mostraram o quanto a cultura dos últimos anos contribuiu em divulgar uma espécie de apocalipse popular com fim trágico, conceito este que não condiz com o surgimento da apocalíptica na antiguidade. Também se observou que a nova homilética, com seu modelo indutivo, pode ser aproveitada sem ferir os princípios bíblicos da fé cristã, principalmente se usada em combinação com o método dedutivo. Dessa forma, o modelo indutivo ajuda a transmitir uma mensagem mais compreensível da apocalíptica bíblica aos ouvintes.

No entanto, algumas limitações devem ser consideradas nos resultados apresentados. Primeiramente, a literatura apocalíptica possui outras nuances que precisam ser exploradas, como o uso da literatura apocalíptica do Antigo Testamento pelos autores do Novo Testamento. Além disso, exemplos de sermões indutivos baseados na literatura apocalíptica seriam úteis para avaliar a eficácia deste modelo homilético, o que só seria possível por meio de uma investigação mais abrangente do tema.

Por isso mesmo, futuras pesquisas devem explorar o uso do Antigo Testamento na literatura apocalíptica pelos autores do Novo. E com isso, elaborar alguns sermões indutivos e exemplificá-los como modelos a serem seguidos.

Em síntese, esta pesquisa contribui para uma correta compreensão da literatura apocalíptica bíblica, e como esse entendimento pode ser usado para elaborar sermões indutivos, tornando assim a comunicação da mensagem bíblica cristã mais acessível e compreensível para os ouvintes contemporâneos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Hugo. H. O Apocalipse: cânon, simbolismo, doutrina e parâmetro de avaliação histórica. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília, v. 45, n. 178, abr./jun. 2008. disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/160252>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

AUGUSTO, Michel. **Nova Homilética. Parte 4. O ouvinte ganha força: “as Escrituras têm algo novo a dizer**. YouTube, 02 de nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0f17kSxgR_k. Acesso em 01 mai. 2024.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

CHAPPELL, Bryan. **O sermão cristocêntrico**. Trad. Paulo César Nunes dos Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

COLLINS, John J. **A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. Trad. Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.

COLLINS, John J. Temporalidade e política na literatura apocalíptica judaica. **Revista Oracula**. São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/oracula/article/view/5911>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

DEVMEDIA. **O que é UML e Diagramas de Caso de Uso: introdução prática à UML**, 2021. Disponível em: <<https://www.devmedia.com.br/o-que-e-uml-e-diagramas-de-caso-de-uso-introducao-pratica-a-uml/23408>>. Acesso em: 22 jun. 2024

DOMINGUES, Gleyds Silva. **A arte da pesquisa na construção de ideias e argumentos**. Piedmont International University, 2019.

DUARTE, Evandro Santos; FARIAS, Vanderlei Gularte; OLIVEIRA, Neiva Afonso. O método hermenêutico e a pesquisa na área ciências humanas. UNI-JUÍ, **Salão do conhecimento**. XXII Jornada de Pesquisa, 2017.

EBERLE, Harold R.; TRENCH, Martin. **Escatologia vitoriosa: uma visão preterista parcial**. Trad. Maria Lucia Godde Cortez. Brasília: Chara, 2013.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KEY, Jerry Stanley. **A preparação e a pregação de sermões bíblicos**: princípio de Homilética. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

LADD, George. **Apocalipse**: introdução e comentário. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1980.

LEWIS, Ralph L; LEWIS, Gregg. **Pregação indutiva**: como pregar de modo que as pessoas ouçam. Trad. Glauber Meyer Pinto Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LOPES, Edson. D. Escatologia e milenarismo na história da Igreja Cristã. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**. São Paulo, v. 9, n. 1, 3 mai. 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3294>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2010.

MESTERS, Carlos. **Esperança de um povo que luta**: o Apocalipse de São João: uma chave de leitura. São Paulo: Paulus, 1983.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse**. 2. ed. São Paulo: FonteEditorial/Santuário, 2013.

MILLER, Ed. L. **Teologias contemporâneas**. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MIRANDA, Valtair. **O caminho do cordeiro**: representação e reconstrução de identidade no Apocalipse de João. São Paulo: Paulus, 2011.

MOLTMANN, Jurgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Teológica: Edições Loyola, 2005.

MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. 2. ed. São Paulo: Vida, 2005.

MORAES, Jilton. **Homilética**: do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida, 2008.

OLYOTT, Stuart. **Ministrando como o mestre**: aprendendo com os métodos de Cristo. Trad. Ana Paula Eusébio. São José dos Campo, SP: Fiel, 2019.

OSBORNE, Grant. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PANNENBER, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. Trad. Werner Fuchs. Santo André, São Paulo: Academia Cristã Ltda; Paulus, 2009.

PETERSON, Eugene. **Maravilhosa Bíblia**: a arte de ler a Bíblia com o Espírito Santo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

SANTOS, João Alves. O dispensacionalismo e suas implicações doutrinárias. **Seminário JMC**, São Paulo, 15 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/o-dispensacionalismo-e-suas-implicacoes-doutrinarias/#>>. Acesso em 01 mai. 2024.

SILVA, Ângelo V. Aspectos histórico-literários da apocalíptica. **Revista Oráculo**. São Paulo, v. 10, n. 15, 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/oracula/article/view/5756>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SOARES, D. O. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, 3 dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/425/835>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SOUZA, Mauro Batista. A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. **Revista Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 47, n. 1, 2007. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/458/418>. Acesso em: 28 abr. 2024.

VALDEZ, Ana. A literatura apocalíptica enquanto gênero literário (300 a.C. - 200 d.C.). **Revista Portuguesa de Ciência das Religiões**. Lisboa, 2002. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4677/3174>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. 2. ed. São Paulo: Targumim: Paulus, 2006.